

2023 é confirmado como o ano mais quente da história

Especialistas já esperavam e agora é oficial: o ano de 2023 foi o mais quente da história, com alta da temperatura média de 1,48°C, praticamente o limite imposto pela comunidade internacional em Paris em 2015.

A temperatura média no mundo no ano passado foi de 14,98°C, ou seja 1,48°C a mais que o clima da era pré-industrial (1850-1900), anunciou ontem o observatório europeu do clima Copernicus em seu balanço anual.

Este novo recorde ultrapassa em 0,17°C o precedente, de 2016. O Acordo de Paris de luta contra a mudança climática foi assinado por quase 200 países em 2015 para tentar controlar o aumento da temperatura média ao máximo de 2°C, e idealmente em 1,5°C.

A temperatura média da superfície marinha, outro indicador fundamental, também está batendo recordes em todos os oceanos do mundo, advertiu Copernicus.

Os indicadores marinhos são um dado fundamental porque o mar serve como regulador da temperatura planetária, absorvendo excessos de calor e de gás carbônico (CO₂).

O fenômeno El Niño acentuou os registros considerados inquietantes, e ajudou a perturbar o clima em todos os cantos do planeta, desde grandes incêndios no Canadá até secas extremas na África e no Oriente Médio, ou altas temperaturas em pleno inverno na Austrália ou no Cone Sul.

O Copernicus tem um banco de dados que remonta a 1850, mas

as temperaturas registradas em 2023 "provavelmente excedem as de todos os períodos durante pelo menos 100.000 anos", disse Samantha Burgess, vice-diretora do Copernicus Climate Change Service (C3S).

– Mesmo sem o El Niño, 2023 continua sendo um ano muito incomum – acrescentou.

Anomalia

“É provável” que o limite de 1,5°C de aquecimento em 12 meses seguidos seja alcançado “em janeiro ou fevereiro de 2024”, apesar do frio que a Europa sofre nesta época, prevê o Copernicus. No entanto, esta anomalia deve ser registrada em média durante “pelo menos 20 anos” para con-

siderar que o clima global atingiu este teto, lembra o observatório.

Esta perspectiva está cada vez mais próxima: para atingir este limite, o mundo deve reduzir as suas emissões de gases com efeito estufa em 43% em 2030 em comparação com 2019, segundo especialistas em clima da ONU (IPCC). O declínio global destas emissões ainda não começou, embora alguns especialistas anunciem que o pico é iminente.

Considera-se que o clima atual já aqueceu de forma estável em cerca de 1,2°C em comparação com o período 1850-1900.

E ao ritmo atual de emissões, o IPCC prevê que o limite de 1,5°C tem 50% de probabilidade de ser excedido, em média, nos anos 2030-2035.

Dados que preocupam

- Em 2023, “pela primeira vez, todos os dias do ano foram um grau mais quente”, no mínimo, em comparação com a era pré-industrial, segundo o observatório europeu do clima Copernicus.
- Dois dias de novembro inclusive superaram os dois graus de aquecimento.
- O ano também foi marcado pelo início do El Niño.

- O fenômeno é visto como sinônimo de aquecimento adicional que deveria alcançar seu máximo potencial em 2024.

- Entre junho e dezembro, o mundo registrou oito meses seguidos de recordes mensais. Julho foi o mês mais quente registrado, seguido imediatamente por agosto.

- Na Europa, 2023 foi o segundo ano mais quente, atrás de 2020.

- Os oceanos têm aquecido de forma “persistente e incomum”, batendo seguidos recordes de estações de abril a dezembro – ou seja, foi registrado temperatura maior da superfície marinha em relação a registros anteriores.

- Estas temperaturas ameaçam a vida marinha, aumentam a intensidade das tempestades e aquecem a atmosfera.

- Os oceanos absorvem mais de 90% do excesso de calor causado pela atividade humana.

- Este aumento de calor no planeta também tem o efeito de acelerar o derretimento das plataformas de gelo flutuantes da Groenlândia e da Antártida, consideradas cruciais para reter água doce das geleiras e prevenir elevação expressiva do nível dos oceanos.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Página: 12